

DESTRUÍDA BASE DOS BA's NA REGIÃO DE MATSEQUENHA

— abatidos mais de 100 criminosos durante os combates
— capturados oito bandoleiros e diverso material bélico

por Gil Lauriciano (texto) e Joel Chiziane (fotos)

N. 28/11/87

As Forças Armadas de Moçambique destruíram, quarta-feira, a base de bandidos armados situada nos montes de Matsequenha, província do Maputo, revelou ontem uma fonte do Estado-Maior General. Na operação foram abatidos mais de 100 bandidos, cap-

— Unidades nossas continuam a vasculhar a zona e a mover uma perseguição aos BA's que conseguiram escapar — disse aos jornalistas o Major Paulino Macaringue, que comandou a operação.

A operação para a tomada de Matsequenha, que fica a três quilómetros da fronteira com a África do Sul, foi iniciada na manhã do dia 22 de Novembro, envolvendo forças terrestres e aéreas.

turados oito, assim como grandes quantidades de armas e munições. Matsequenha era considerada pelas autoridades militares moçambicanas como uma das mais importantes bases dos bandidos armados no sul do País.

— Após dois dias de combates reñhidos, às 15.00 horas de quarta-feira, assaltámos a base — disse o comandante.

O Estado-Maior General disse ainda que a destruição de «Matsequenha» seguiu-se ao assalto por unidades do Exército, no dia 16, de outras duas bases, em Malengane e Chinhanguanine, também na província do Maputo, de onde havia partido o grupo de bandidos que assassinou, o mês passado, mais de 200 civis na região de Tanga.

A base de Matsequenha, no norte do distrito de Namaacha, existia há algum tempo, mas a sua localização numa área de difícil acesso e proximidade com a África do Sul, onde os bandidos sistematicamente se refugiavam, dificultava a sua destruição.

Segundo o comandante da operação, o ataque à base foi precedido de uma concentração de Forças ao longo da fronteira «para impedir que os bandidos fugissem para outro lado».

— Havia já um mito de que Matsequenha era indestrutível, porque, sempre que atacávamos, os bandidos passavam para o outro lado e dias depois estavam de regresso — acrescentou.

O Major Macaringue disse que, durante a operação, as unidades militares em acção toram sobrevoadas várias vezes por aviões da Força Aérea sul-africana.

— Acho que estavam a fazer reconhecimento e trataram de informar os cabecilhas dos bandidos para se retirarem — afirmou.

A AIM entrevistou alguns dos bandidos armados capturados pelas Forças moçambicanas.

Mário José, de 17 anos e que ingressara nas fileiras do banditismo em 1985, disse que a base de Matsequenha era chefiada por um tal Mário Frank. De acordo com José, o cabecilha desapareceu quando se ouviram



Major Paulino Macaringue

os primeiros estrondos e «parece que foi com aqueles que foram para a base de Muholoholo», mais ao norte.

O nome de Mário Frank é referenciado em alguns dos documentos capturados na Casa Banana, Gorongosa, destruída pelas Forças conjuntas moçambicano-zimbabwéanas em Agosto de 1985.

Um outro bandido capturado, de nome António Albino, de 25 anos, disse à AIM que na base os bandidos tinham «construído uma cadeia», onde mantinham encarceradas algumas pessoas raptadas durante ataques a diversas zonas.

«Estas pessoas foram soltas para carregar feridos em macas», disse António Albino.

Segundo militares moçambicanos, esses bandidos eram «chetes» e foram feridos em diversos combates nas províncias do sul do país, e evacuados para Matsequenha para poderem ser tratados por enfermeiros sul-africanos, dada as facilidades de comunicação com aquele país.

O Major Macaringue disse ainda que alguns destes bandidos foram encontrados mortos no interior da base.

O comandante da operação revelou ainda que centenas de pessoas, que viviam compulsivamente na base dos bandoleiros foram libertadas.

Ester Massie, de 28 anos, uma das várias mulheres libertadas de Matsequenha, disse que havia sido raptada em Setembro de 1986, no Bairro da Liberdade.

— Há muitas pessoas que aproveitaram para fugir quando os bandidos, muito atrapalhados, disseram que devíamos fugir — disse ela.